

A COMUNICAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO À SAÚDE NA ATENÇÃO BÁSICA: DESAFIO PARA A ENFERMAGEM

CLÁUDIA CRISTIANE FILGUEIRA MARTINS ¹

GREICE KELLY GURGEL DE SOUZA ²

SUZANE GOMES DE MEDIEROS ²

TATIANA DE PAIVA NUNES²

FÁTIMA RAQUEL ROSADO MORAIS ³

RESUMO

Introdução: O plano de diretrizes e bases do Sistema Único de Saúde (SUS) prioriza ações como promoção, proteção e prevenção da saúde do usuário, objetivando atenção diferenciada ao focar não apenas as doenças, mas as questões sociais dos contextos de vida dos distintos grupos. Além disso, busca respaldar as práticas de acolhimento para o cotidiano dos serviços¹. É sabido que toda a discussão política da saúde na atualidade aponta para um conceito ampliado deste processo. No caso, as necessidades do sujeito passam a ser percebidas a partir de aspectos como moradia, alimentação, condições econômicas, sociais e culturais, bem como pelas vulnerabilidades e riscos, aspectos que podem culminar com o desenvolvimento de problemas patológicos e/ou sociais que afetam a saúde. Então, ao pensar na saúde/doença dos grupos há que se levar em conta estas questões para se delinear as condições que delimitam o viver e adoecer da população. Um dos instrumentos que tende a facilitar a consolidação das diretrizes e ações propostas é a comunicação, prática que pode contribuir com a melhor articulação/reflexão das necessidades básicas dos usuários dos serviços, bem como com a apropriação dos direitos por parte da população. A comunicação enquanto estratégia de interação, a partir do diálogo e da escuta do outro, contribui para o maior conhecimento e a melhor adesão do usuário ao tratamento delineado. Além disso, pode delimitar práticas e contatos mais reflexivos, o que acaba favorecendo a transformação das formas de ver e estar nos espaços da saúde, sendo pauta de diversos autores como Pedrosa (1); Merhy (2), Oriá (3), Oliveira (4) e Nóbrega (4). Na atenção básica a comunicação representa importante elo entre profissional de enfermagem e a comunidade assistida, pois permite um diálogo pactuado com o sujeito, contribuindo para que este seja percebido enquanto um ser social. De fato é nesta interação/inter-relação que é possível melhor entender as singularidades e diversidades de cada um, em cada espaço. Assim, se reconhece a necessidade emergente de promoção a saúde, articulando as práticas

nos serviços, com a melhoria da qualidade de vida dos distintos usuários(5). O fato dos trabalhadores de enfermagem manterem contato contínuo com a população das unidades tende a torná-los importantes nas práticas de comunicação, pois o desenvolvimento de boas interações com estes atores geralmente é significativo no processo de adoecimento e cura da população. Nesse sentido, este estudo **objetivou** investigar, com base na literatura científica, como o processo de comunicação entre equipe de enfermagem/família vem ocorrendo na dinâmica cotidiana dos serviços de atenção básica e quais as implicações desta prática para o processo saúde/doença da população. Para tanto, adotou-se uma **metodologia** de caráter descritivo bibliográfico, baseada em artigos e pesquisas científicas publicadas em revistas/periódicos nacionais indexados. Conforme Lakatos(6) a pesquisa bibliográfica permite um exame do tema sob um enfoque ou uma abordagem, inovando com conclusões críticas. Para a busca e delimitação destes materiais foram utilizados como descritores para a pesquisa as palavras comunicação, enfermagem, atenção básica e promoção da saúde. Após a delimitação dos artigos, foram encontrados trinta trabalhos. Inicialmente foram realizadas leituras dos resumos para reconhecer os artigos que enveredavam na discussão da comunicação como instrumento de promoção à saúde para as práticas da enfermagem no ambiente da atenção básica. A partir disso, foi realizado o fichamento dos textos consultados, sistematizando os principais resultados e assim realizando a interpretação dessas idéias. Como não há o envolvimento direto de seres humanos na pesquisa, o Comitê de Ética dispensa termos de consentimento. Os **resultados** encontrados apontam que, de modo geral, a comunicação enquanto instrumento para a atenção a família, é utilizada de forma limitada pela equipe de enfermagem que atua na atenção básica. Os trabalhadores desta categoria tendem a usar este instrumento basicamente para consultas clínicas e para conversas quanto as possíveis desordens orgânicas/biológicas. Tal prática encontra-se intrinsecamente relacionada com a dinâmica dos serviços, uma vez que há uma demanda reprimida a ser atendida, sobrecarregando este profissional e delineando ações pontuais e pouco interacionais. Além disso, há a dificuldade em articular olhares distintos para as necessidades dos usuários em virtude do processo de formação em enfermagem ainda apresentar estreita relação com o paradigma biomédico, em detrimento de uma visão contextualizada da vida dos usuários dos serviços de saúde. Pela dificuldade em se desprender da formatação antiga, e avançar na perspectiva de práticas mais dialógicas e reflexivas, torna-se mais “cômodo” e rápido para esse trabalhador realizar a técnica, não contextualizando a inserção social dos indivíduos, não se utilizando de tecnologias leves como o diálogo². Na literatura mesmo sendo claro que a enfermagem é uma categoria profissional que se utiliza da escuta das distintas necessidades, esta escuta ainda é pouco qualificada, na medida em que tende a não contextualizar as verdadeiras ansiedades dos sujeitos. Assim, as ações desempenhadas para a interação com a família, na

perspectiva da promoção da saúde ainda são fragmentadas, frágeis, pouco acolhedoras e dialógicas e difíceis de vinculação. De fato, é possível **concluir** que estudos deste tipo tendem a contribuir para uma reflexão acerca do trabalho da enfermagem e das práticas que cotidianamente estão sendo desenvolvidas por esta categoria profissional nos serviços de saúde. É possível inferir que há uma necessidade urgente de se rever o contexto medicalizado presente na prestação de cuidados na atenção básica, tendo em foco uma abordagem integral e as práticas de comunicação para a promoção da saúde. Há a necessidade de se perceber que o diálogo é rico em vantagens podendo contribuir com o tornar-se ciente de si e das suas necessidades, conseqüentemente, favorecendo a reflexão da saúde/doença na perspectiva de transformação. Há que se levar em conta que a Política Nacional de Promoção da Saúde aponta para horizontes mais contextualizados, enfocando dinâmicas diferenciadas para as atuais práticas em saúde. Nesta nova dinâmica trabalhar-se-á não apenas o anátomo-patológico, mas a vinculação com o usuário, a escuta qualificada e a atenção às famílias inseridas nos seus respectivos contextos. Assim, é fundamental a revisão das tecnologias que permeiam o processo saúde/doença, utilizando-se não apenas os instrumentais e/ou os conhecimentos técnicos, mas se apropriando das tecnologias leves, do contato e da conversa, não reduzindo os indivíduos as vulnerabilidades e riscos à saúde³. Com estas mudanças haverá uma tendência a ações de promoção da saúde, **implicando** melhorias na assistência de enfermagem, qualificando-se o cuidado prestado a população, para que seja desenvolvido a partir de práticas sedimentadas no conhecimento das necessidades dos usuários. Neste norte, a comunicação para a enfermagem será aplicada como um dos instrumentos para a consolidação das transformações nas ações corriqueiras, propiciando melhoria na interação social e interpessoal (7). Assim, a utilização do diálogo/comunicação como instrumento de reflexão e para o desenvolvimento de práticas de promoção da saúde, poderá favorecer outras posturas por parte dos usuários e da equipe de enfermagem envolvida no cotidiano dos serviços de saúde.

Descritores: Promoção da Saúde, Atenção Básica e Enfermagem

Referências:

- 1 Pedrosa JIS. Promoção da Saúde e Educação em Saúde. In: Castro A, Malo M. SUS – ressignificando a promoção da saúde. São Paulo: Hucitec/OPAS; 2006: 77-95.
- 2 Merhy EE. Um ensaio sobre o médico e suas valises tecnológicas: Contribuições para compreender as reestruturações produtivas do setor saúde. Interface – Comunc-Saúde-Educ. Fev. 2000; Vol.06: 109–16.

3 Oriá MOB, Moraes LMP, Victor JF. A comunicação como instrumento do enfermeiro para o cuidado emocional do cliente hospitalizado. Rev. Eletrônica de Enferm. [serie de internet] 2004. [consultado 2009 jun 30]: v. 06: 292-297.

4 Oliveira OS de, Nóbrega MML da, Silva AT. Comunicação terapêutica em enfermagem revelada nos depoimentos de pacientes internados em centro de terapia intensiva. Rev. Eletrônica de Enferm. [serie de internet] 2005. [consultado 2009 jun 30] v.07: 54 – 63.

5 Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Promoção a Saúde. 2006: 1–38.

6 Lakatos, EM, Andrade. M. Técnicas de Pesquisa. São Paulo: Atlas; 1996.

7 Natansohn G. Comunicação & Saúde: interfaces e diálogos possíveis. Rev Econom. Polit. Tecnol. Informac. e Comunic. [serie de internet] 2004 [citado em 2009 junho 30] v. 4: 38-52.

¹ Acadêmica de Enfermagem do 7º período da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; bolsista do PETEM – Programa de Educação Tutorial em Enfermagem de Mossoró. claudiacrisfm@yahoo.com.br

² Acadêmica de Enfermagem do 7º período da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN;

³ Enfermeira, Mestre em Enfermagem em Saúde Pública pela UFPB. Doutoranda em Psicologia Social pela UFPB/UFRN. Docente da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN frm@bol.com.br